

TORTO ARADO: UM FÉRTIL TERRENO FEMINISTA DECOLONIAL

Nádja Nayra Brito Leite³

Resumo: A narrativa do romance Torto Arado, de Itamar Vieira Júnior, permite a realização de inúmeros estudos acerca de temas e de construções estéticas, constituindo-se terreno fértil para a crítica literária, especialmente àquela dedicada à investigação da representação feminina. O protagonismo feminino está presente nos corpos e nas vozes das personagens, expressos por meio de performances de subjetividades femininas que descontroem o lugar onde o traço legitimado da heteronormatividade é recorrente, que desconcertam o celeiro patriarcal do interior da nação retratado na obra. Neste trabalho propomos investigar as narrativas discursivas femininas sob a vertente teórico-epistemológico decolonial.

Palavras-chave: Feminismos. Decolonialidade. Feminismo decolonial. Crítica cultural. Crítica literária.

INTRODUÇÃO

Para chegar ao conceito de decolonidade é importante informar as concepções de colonialismo e colonialidade. O colonialismo é entendido como um período histórico marcado pelo processo de expansão territorial e cultural de determinados

³ Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, Universidade do Estado da Bahia (Pós-Crítica/UNEB). Linha de pesquisa: Literatura, Produção Cultural e Modos de Vida. Orientador: Prof. Dr. Paulo César Souza Garcia. Endereço Eletrônico: atendimentoonadjaleite@gmail.com

países europeus por meio da dominação de povos e/ou nações de outros continentes. Por um ângulo complementar, o colonialismo pode ser visto como uma trágica marca da história mundial que com ideias salvacionistas e civilizatórias justificou e embotou a real dimensão dos intensos genocídios e etnocídios que se realizaram no período de colonização. Já a colonialidade, que é precedida pelo colonialismo, refere-se a um padrão de poder estabelecido e difundido, orientado em uma visão eurocentrada do mundo, e que se estende à forma como se articulam e se estabelecem a difusão do conhecimento, as relações de trabalho, as práticas culturais e até as relações intersubjetivas pós-coloniais no mundo. De forma simplista, pode-se dizer que o colonialismo é o exercício da colonização e a colonialidade é a herança cujo legado produz marcas reais até hoje, tais como patriarcalismo, racismo e homofobia. Aníbal Quijano, sociólogo peruano, é um dos criadores do Grupo Modernidade/Colonialidade - M/C, um coletivo de pensamento crítico da América Latina iniciado na primeira década do século XXI cujo passo inicial foi estudar, criticar e conceituar o colonialismo, a colonialidade, a modernidade e o eurocentrismo, numa tentativa de compreender o passado para buscar uma teoria nova que desfizesse a anterior. Assim Aníbal Quijano cunhou o conceito de colonialidade que desempenha na visão do mesmo o papel de primeira ordem na elaboração eurocêntrica da modernidade. “Nesse sentido, a modernidade foi também colonial desde seu ponto de partida”. (QUIJANO, 2005, p.114). A lógica eurocentrada constituída de estabelecimento do *status quo* que não se restringe à parte econômica, mas afeta todas as relações sociais, culturais e intersubjetivas, como salienta: Com efeito, todas as experiências, histórias, recursos e produtos culturais terminaram também articulados numa só ordem cultural global em torno da hegemonia europeia ou ocidental. (QUIJANO, 2005. p.110). Corroborando com este pensamento Mignolo, outro estudioso do

grupo M/C, ressalta que “Na formulação original de Quijano, o *“patrón colonial de poder”* (matriz colonial de poder) foi descrito como quatro domínios inter-relacionados: controle da economia, da autoridade, do gênero e da sexualidade, e do conhecimento e da subjetividade”. (MIGNOLO, 2017, p.5) baseados na colonialidade do ser, do poder e do saber.

Nesse contexto, María Lugones, Argentina, filósofa, ativista e professora na universidade de Binghamton em Nova York, especialista em estudos de filosofia de intersecção de raça e gênero entra para o grupo Modernidade/Colonialidade em 2006 com a intenção de incluir a questão do gênero na colonialidade. Lugones acrescentou o conceito de colonialidade de gênero às formas de colonialidade (do ser, do poder e do saber). O pensamento dela critica o grupo salientando a pouca atenção dada ao aspecto de gênero, seja em temas econômicos ou históricos da colonialidade, como ela mesma conceitua é uma releitura da modernidade colonial capitalista. Lugones formula um conceito de gênero que se aplica à forma que este se realiza nas interações coloniais e acredita que o gênero e o sexo não poderiam ser inseparavelmente ligados e racializados. “Analisando o sistema moderno, colonial e de gênero, acredito eu, conseguimos produzir uma teoria mais profunda sobre a lógica opressora da modernidade colonial, o uso de dicotomias hierárquicas e de uma lógica categorizante”. (LUGONES, 2019, p.369). A colonialidade atravessa o controle do acesso ao sexo, a autoridade coletiva, o trabalho e a subjetividade/ intersubjetividade e atravessa também a produção de conhecimento a partir do próprio interior dessas reações intersubjetivas. (LUGONES, 2020, p.2). Trazendo uma nova perspectiva feminista, a estudiosa critica as ondas feministas anteriores e o feminismo hegemônico eurocentrado. Gayatri Spivak, autora Indiana, que a fim de tratamento didático é conceituada como pós-colonial, relata que “Se, no contexto da produção colonial, o sujeito subalterno não tem história e não

pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade”. (SPIVAK, 2010, p.83).

Descolonizar ou decolonizar é afastar-se da colonialidade e do colonialismo, estabelecer um pensamento de contraposição a esses processos. Na perspectiva decolonial, por meio das realidades vividas dentro de seus espaços geográficos, grupos, práticas e experiências em países asiáticos e latino-americanos podem proporcionar visibilidade sem a necessidade da interface de olhares eurocentrados colonizadores e o feminismo decolonial, cunhado por María Lugones em 2008, encontrasse nesse viés epistemológico. Convém ressaltar, porém, que do ponto de vista histórico e didático, a perspectiva do feminismo decolonial foi inaugurada com os estudos da Lugones, por ela ter conceituado o termo e o trazido ao centro das discussões, contudo, anteriormente, ativistas, especialmente do feminismo negro, já realizavam a intersecção de raça, gênero e classe, como contraponto ao feminismo dito universal. No Brasil, o pensamento de Lélia Gonzalez, filósofa, professora, escritora e ativista Brasileira, na década de 1980 já trazia a marca das teorias decoloniais, do que se chama hoje de “feminismo do Sul” e da noção de “colonialidade de gênero”, de María Lugones. Na mesma década, Audrey Lorde, escritora feminista e ativista dos direitos civis e homossexuais, estudava os conceitos imbricados. “As literaturas de todas as mulheres de cor recriam as texturas de nossa vida, e muitas mulheres brancas estão altamente comprometidas em ignorar as verdadeiras diferenças” (LORDE, 2019, p.250).

Neste trabalho propomos investigar algumas narrativas discursivas femininas do Livro Torto Arado sob a vertente teórico-epistemológico decolonial. A pergunta inicial é: como ocorre a construção das re(existências) considerando a perspectiva feminista decolonial?

MÉTODO

Para analisar a trama e, nela, as personagens femininas, por meio das teorias do panorama decolonial e pós-colonial, usaremos o percurso metodológico da análise bibliográfica. A pesquisa bibliográfica consiste no levantamento/revisão de obras publicadas sobre as teorias supracitadas que irá direcionar este trabalho científico, reunindo e analisando textos que apoiarão as discussões acerca das narrativas. De caráter teórico e crítico, a pesquisa busca referenciais que possibilitem leituras que tratam sobre colonialismo, colonialidade, eurocentrismo, decolonialidade e feminismo decolonial intercalada com leitura minuciosa da obra, a fim de coletar os discursos que compõem as subjetividades das protagonistas consoantes com o estudo central.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O livro enaltece os saberes ancestrais e a construção do conhecimento por meio do saber-fazer, tendo a matriarca Donana (avó das protagonistas) como a parteira e a curandeira. **Observava os movimentos do corpo, rezas e interditos**; o que poderia e não poderia ser comido, bebido, feito. Aprendia sobre o tempo certo para o banho da criança e da mãe... (JÚNIOR, 2018, p.47) (Grifo nosso). O aprendizado é feito por meio da observação e da transmissão oral do conhecimento e neste ensino-aprendizagem a performance (corpo, voz, gestos, silêncios) das parteiras mais experientes é a tez do aprendizado das novatas. Como base e sustentáculo, a decolonialidade do saber projeta a decolonialidade do poder. Nos momentos de aflição de Belonísia, a memória afetiva da avó surgia com sua força ancestral emaranhada de histórias e revigorava as energias da neta, dando-lhe vigor para enfrentar o patriarcado que lhe impunha sanções e medos. “Minha avó surgiu em meus pensamentos com sua

brabeza, com seu chapéu grande, com seu punhal com cabo de marfim...” (JÚNIOR, 2018, p.92).

Bibiana constrói o seu direito de reexistência lutando pelas injustiças sociais e semeando arrojos coletivos de resistência em uma atitude própria de uma feminista decolonial. Ela (a feminista) sabe que a luta é coletiva, sabe que a determinação dos/as inimigos/as em destruir as lutas de libertação não deve ser subestimada, que eles usarão todas as armas à sua disposição: a censura, a difamação, a ameaça, o encarceramento, a tortura, o assassinato. (VERGÉS, 2020, p.38). Enquanto o corpo e as ações de Belonísia apontam para rompimentos de paradigmas e não aceitação de estereótipos de gêneros: “Belonísia se aproximava mais de meu pai, passava a lhe fazer companhia, junto com meu irmão, e participava das decisões, embora Zeca sempre lembrasse que ela era mulher, e lhe negasse determinadas tarefas” (JÚNIOR, 2018, p. 75). Há uma pujança feminina coletiva em Torto Arado com as mulheres que entoam suas cantigas com força pelos caminhos enquanto levam suas roupas para lavar no rio. Vergés (2020) refere-se à feminista decolonial: “Ela também sabe que na luta há dificuldades, tensões, frustrações, mas também alegria, diversão, descobertas e ampliação do mundo”. (VERGÈS, 2020, p.46). Como sentença e entusiasta Quijano “É tempo de aprendermos a nos libertar do espelho eurocêntrico onde nossa imagem é sempre, necessariamente, distorcida. ... tempo, enfim, de deixar de ser o que não somos” (QUIJANO, 2005, p.126). Bibiana e Belonísia constroem imagens próprias que afrontam a dominação eurocentrada patriarcal como declara: “Mas eu já me sentia diferente, não tinha medo de homem, era neta de Donana e filha de Salu, que fizeram homens dobrar a língua para se dirigirem a elas”. (JÚNIOR, 2018, p.115)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Torto Arado* é terra fértil para diversas discussões temáticas e este trabalho é apenas uma semente neste sentido. Mesmo havendo na trama lugares e posições ainda intocáveis no cenário conservador, patriarcal e hierarquizado dos rincões do país, a polifonia e o entrelace de discursos femininas apontam para histórias que podem ser reescritas por meio de narrções e testemunhos ficcionais, constituindo-se emergências de discursos historicamente interrompidos. Instituída na decolonialidade do saber, Donana é a parteira, a curandeira, a entidade viva, desempenhando papel imprescindível na edificação da memória da comunidade de Água Negra sendo parte constituinte da formação da resistência das netas. As corporeidades e vozes de Belonísia e Bibiana direcionam para um afronte, constituindo-se expressões da decolonialidade do poder. Por fim, as reflexões produzidas no trabalho corroboram para enfatizar que o romance *Torto Arado* é construído por uma profusão e enlace de corpos-vozes potentes, repletos de memórias, crenças e saberes ancestrais, importantes para o fortalecimento de uma visão decolonial que conduz para campos fora do olhar marcador colonial branco escravocrata heteropatriarcal.

REFERÊNCIAS:

JÚNIOR, Itamar Vieira. *Torto Arado*. Grupo Leya, Portugal, 2018.

LORDE, *Idade, raça, classe e gênero: mulheres redefinindo a diferença*, In:

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LUGONES, María. *Colonialidade e Gênero*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais*. Rio de Janeiro: Bazar: 2020.

LUGONES, María. *Rumo a um feminismo decolonial*. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Pensamento Feminista: Conceitos Fundamentais*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

MIGNOLO, Walter D. *Colonialidade, o lado mais escuro da modernidade*. Tradução de Marco Oliveira Duke. Rio de Janeiro: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), 2017.

QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais*. Perspectivas latino-americanas. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina.2005. p. 107-130

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

VERGÈS, Françoise. *Um feminismo decolonial / tradução Jamille Pinheiro Dias Raquel Camargo*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.